

## A COMUNIDADE DO ESPÍRITO NA RELIGIÃO EM HEGEL<sup>1</sup>

Dra. Claudia Melica<sup>2</sup>

### Resumo

O objetivo desse texto é examinar a relação entre Deus como espírito e a comunidade (Gemeinde), e também mostrar que o Espírito em Hegel é concebido como uma constante referência a si mesmo e com o outro de si. A comunidade é em particular a comunidade do Espírito (Gemeinde des Geistes), sendo seus membros conectados por diferentes razões uns aos outros. Primeiramente porque Deus, como conteúdo da religião cristã, mostra-se (sich manifestiert) num modo especulativo à comunidade dos crentes na forma de Espírito. Em segundo lugar porque a comunidade não é somente formada pelo Espírito, mas também por vários espíritos, nos quais o próprio Deus se reconhece nessa autoconsciência universal. Portanto, esse estudo objetiva considerar como e porque a religião hegeliana é a religião do Espírito. Será dedicada atenção especial ao conceito de religião enquanto relação. Por um lado, a relação intersubjetiva é crucial na religião para estabelecer um elo fundamentado na fé entre crentes como membros da comunidade. Por outro lado, é significativa a relação entre a comunidade enquanto totalidade com Deus. A religião é, de fato, ao mesmo tempo, espírito que se conhece, e daí relação do espírito consigo mesmo e com o outro de si, e conhecimento de Deus como Espírito pelo sujeito humano. Finalmente, será mostrado como o elo entre todos aqueles aspectos diferentes e cruciais constituem a noção de comunidade do Espírito nos quais e através dos quais Deus como Espírito atinge sua realidade concreta (Wirklichkeit).

**Palavras-chave:** fé, filosofia, histórias

### Introdução

Num comentário que foi acrescentado por Hegel ao parágrafo 554 na terceira parte da Filosofia do Espírito da Enciclopédia (Hegel. 2002), edição de Berlin (Der absolute Geist), ele afirma “que atualmente pouco se sabe de Deus e de sua essência objetiva, de modo que mais será dito sobre religião, ou seja, a partir da perspectiva dos próprios crentes, e assim, a verdade não será promovida, e falar da religião não compreende muito que Deus deve ser Espírito em sua comunidade.” (Hegel. 1984) Nas Lições sobre a Filosofia da Religião (Hegel. 1984), em cujo período do curso Hegel revisou a edição das partes 2 e 3, ele retomou e desenvolveu cada tema novamente mostrando que o crente não entra em contato com Deus se este for tão somente tratado como um simples objeto, senão que Deus deve ser considerado como Espírito e isso ocorre na medida em que “Deus está presente em sua comunidade”. (Hegel. 1984) É oportuno conceituar o que Hegel, em seu período em Berlin, em geral, entende por “Deus” e porque a comunidade é identificada com Deus. Também seria adequado

---

<sup>1</sup> O presente texto foi traduzido do alemão cujo título original è “Die Gemeinde des Geistes in Hegels Vollerendeter Religion” que será publicado no volume Geist (Espírito) editado por Andreas Arndt et al. do Hegel Jahrbuch (Anuário Hegel) pela Akademie Verlag, Berlin, 2009.

<sup>2</sup> Universidade de Roma, La Sapienza, Itália

compreender porque todo Espírito aparece como “o absoluto”. Desse modo é possível estabelecer o fundamento para a existência de uma estreita ligação entre a comunidade e Deus.

### **Espírito e comunidade**

Hegel afirma na Enciclopédia e em suas diferentes Lições sobre a Filosofia da Religião que o Espírito não possui uma essência abstrata ou estática, senão que ele é uma atividade, um processo vivo, que se desenvolve, primeiramente, na forma de “uma relação consigo mesmo” (Hegel. § 385, 2002) e, então, na forma de uma “relação com o outro”.(Hegel. 2002, § 442) A principal propriedade do Espírito é sua reflexividade, isto é, a permanente auto constituição de si com o outro de si. Essa referência “em si e para si” é uma mediação dialética do Espírito consigo mesmo através de um outro (relação do Espírito ao Espírito) cujo fim em última instância é a autoconsciência do Espírito. E o próprio Deus que de forma apropriada é o Espírito. (Hegel. 1984) Essa identificação não significa que Deus enquanto Espírito é transcendente, senão que Deus é um todo, que habita o mundo e que desenvolveu um processo cognitivo de si. Dessa perspectiva Deus pode, sendo compreendido como Espírito, ser reconhecido na religião cristã. Com isso nenhuma oposição existe entre razão e religião, pois o objetivo do crente é reconhecer Deus e compreender seu conceito real e específico. Hegel afirma que “O que é para a razão, não é segredo algum, e na religião cristã isso é sabido”. (Hegel.1984, p. 125). Deus não é mistério algum na religião cristã, pois ele manifesta-se através da encarnação humana, com a qual ele se sabe e pela qual será reconhecido pelos crentes de forma concreta e segura.

Daí, segue, portanto, que uma característica universal do Espírito, que também deriva dessa determinação, é ser para um outro e, de fato, na forma de uma manifestação. Hegel sustenta em diferentes maneiras e modos na Enciclopédia e nas diversas Lições sobre a Filosofia da Religião essa propriedade do Espírito e sua identidade com Deus. Sobre isso ele escreve que “O Espírito, que não aparece, não é”.(Hegel. 1984, p. 37), pois é da própria natureza do Espírito manifestar-se para ser. Se o Espírito não se manifesta de fato ele não pode vir ser na realidade. Nas Lições sobre a Filosofia da Religião, como já presente na Fenomenologia no período de Jena, Hegel considera a religião cristã como religião reveladora e não como religião revelada, ao contrário do que ele afirma na Enciclopédia. O significado dessa religião reveladora reside no fato de que seu conteúdo divino não é velado, pois Deus enquanto Espírito foi revelado e igualmente revelou-se ao mundo “quando o tempo chegou” (Paulo. Gal 4,4) através do homem divino (o Cristo). Não se trata, portanto, de uma religião

positiva no sentido de uma religião que “se reporta à uma autoridade maior do que a autoridade humana, e que por conseguinte exalta que a razão se dá além do campo do humano” (Hegel. 1984, p. 49). Ao invés disso manifesta-se seu conteúdo através do movimento implícito que se relaciona à natureza do Espírito. Daí, escreve Hegel na Enciclopédia, edição de Berlin, “se, porém, a palavra de Deus deve ter um sentido, ela o contém em si mesma exposta”. (Hegel. 2002, § 564 A) Somente desse modo pode-se falar da existência de uma religião como a cristã, que se afirma a partir da autoexposição do Espírito através de certa manifestação em relação aos homens. Segue-se daí que a auto consciência de Deus somente é possível através dos homens. Consequentemente Hegel não identifica o homem com Deus, senão que o homem está em Deus, pois o homem é sua determinação interior, um momento do processo de reconhecimento implícito como Espírito. Se Deus não se manifesta através do homem divino (o Cristo) ele não será reconhecido e permanece em si.

### **Espírito e religião**

Como Hegel desde a Fenomenologia de Jena esclarece, e retoma nas Lições da Filosofia da Religião, é uma outra propriedade do Espírito ter-se como objeto. Ser consciente de si mesmo através de um outro significa correlacionar a autoconsciência do Espírito ao saber de si. A partir dessa compreensão Hegel pode afirmar nas Lições sobre a Filosofia da Religião a inseparabilidade entre o saber de si de Deus como Espírito e essa autoconsciência. Por conseguinte, estão ambos os elementos acima mencionados intimamente ligados um ao outro. Através da revelação de Deus como Espírito, isto é, em sua alienação de si em si mesmo, em seu ser outro, é possível, que o conteúdo da religião (Deus) seja conhecido e, ao mesmo tempo, Deus se saiba como Espírito. Nesse ponto desdobra-se o Espírito, pois ele será tanto sujeito do saber (aquele que sabe) como também objeto de seu saber (o que é conhecido), ou seja, tanto Espírito sabedor (o ciente) como também Espírito reconhecido e igualmente essa é a propriedade específica do Espírito absoluto. Com isso esse Espírito absoluto não deve ser interpretado como Espírito sobrenatural ou transcendental, pois o adjetivo absoluto significa “saber-se a si mesmo” como “o outro, do qual o Espírito sabe, ele é si mesmo”. (Hegel. 1984, p. 221) Se, então, uma religião é cristã, ela não pode ser outra coisa em sentido especulativo que a autoconsciência do Espírito absoluto.

Essa dialética, a relação em si e para si do Espírito, é extremamente crucial, para entender a essência da religião. Essa última parece ser entendida nas Lições sobre a Filosofia da Religião e no parágrafo 554 da Enciclopédia de Berlin de duas maneiras e assumidamente tanto como Espírito, que se relaciona consigo mesmo, como também enquanto relação dos

crentes com Deus. Assim parece, como afirmam alguns críticos, que existem dois aspectos na argumentação hegeliana que se complementam: “tratar como objetivo o Espírito absoluto que sai de si, que é Espírito em sua comunidade” (Hegel. 2002, § 554) e o aspecto subjetivo como relação: “a consciência subjetiva de Deus é o Espírito” (Hegel. 1984, p. 86). Esses ambos aspectos da religião completam-se, porém, somente parcialmente, pois para Hegel a religião não pode ser somente um simples saber que o homem faz de Deus, pois esse somente afirma a compreensão universal da religião. Se a religião deve ser entendida nomeadamente como sua compreensão especulativa, ela deve ser a consciência de si, portanto, o Espírito absoluto.

### **Espírito: comunidade dos espíritos**

O Espírito sabe se o conceito especulativo de Deus coincide com a realidade e isso ocorre na religião plena. Nessa será Deus reconhecido como Espírito efetivo, real num lugar mundano, onde ele se sente principalmente em casa, isto é, na comunidade dos crentes. Essa ligação entre Deus como Espírito e a comunidade religiosa é tão significativa que Hegel durante suas Lições no ano de 1821 sobre a Filosofia da Religião usa uma expressão específica “a comunidade do Espírito” que se reporta a diferentes significados. Não se trata simplesmente de uma comunidade espiritual senão de uma comunidade na qual o Espírito sobre duas diferentes bases está afiliado. Ela é a comunidade do Espírito porque nela, por um lado, a figura da comunidade crista é assumida como religião do Espírito, pois seu conteúdo é a natureza especulativa compreendida de Deus, o Espírito. Entender Deus especulativo como Espírito, significa compreendê-lo como processo dialético que tem seu ponto mais alto na reconciliação entre o homem e Deus. Por outro lado ela é também a comunidade do Espírito porque Deus se sabe Espírito na comunidade como autoconsciência universal. Deus enquanto conteúdo da religião cristã manifesta-se na comunidade dos crentes na forma especulativa do Espírito. Dessas duas compreensões separadamente chega-se à interrelação entre as mesmas. Assim, a comunidade não é a comunidade do Espírito individual senão que também é a comunidade dos Espíritos, isto é, dos crentes afiliados a ela, que pertencem à comunidade na qual Deus se sabe como Espírito em sua autoconsciência universal.

Fica ainda em aberto a questão sobre a relação na comunidade entre Deus como Espírito e os crentes, isto é, a relação existente entre o Espírito e os diferentes e inúmeros espíritos. Se o conceito hegeliano de Espírito se articula interiormente de forma apropriada por uma complexa concepção de relação, pode-se afirmar, então, tanto uma íntima ligação da comunidade por seu lado entre cada um de seus membros quanto entre todos os crentes e Deus.

Antes que Hegel atinja a formulação de uma precisa compreensão de comunidade tanto como universalidade concreta, como também lugar no qual o crente conhece Deus, ele sabe muito bem que deve primeiramente comprovar a fonte de toda relação que se constrói entre os inúmeros crentes e Cristo. Essa relação é nomeadamente a condição para a possível fundamentação de todas as demais relações. A questão se coloca então no sentido da relação que se constrói entre o indivíduo e os demais e como ambos os conceitos de relação devem ser entendidos. Desde o primeiro curso de Filosofia da Religião em 1821 Hegel afirma que Cristo é para os crentes somente uma idéia de singularidade. Daí, fica a certeza de que a singularidade não é compreensível através de uma presença sensível imediata. O problema reside, então, em reconciliar a individualidade divina, que se efetiva somente num homem (a encarnação e sua individualidade em Cristo), com muitos, inúmeros crentes, que de certa forma se opõem. Como se deixa resolver essa dicotomia entre a multiplicidade de crentes e a individualidade do homem divino para permitir que ambas permaneçam em relação dialética-especulativa constante? Hegel fornece uma resposta bem formulada sobre esse problema, conforme ele afirma, que a individualidade e, acima de tudo a individualidade do homem divino, não permanece em oposição a muitos na realidade, pois os muitos encontram-se em uma tal relação um com o outro que eles já constroem um todo, ou seja, a comunidade. Os diferentes crentes encontram-se em nome de sua fé comum numa comunidade singular, que não se pode colocar contra o Cristo ressuscitado.

A busca de Hegel é também desenvolver uma argumentação que prove tanto a atualidade do Deus individual na consciência de inúmeros crentes quanto também a relação entre os crentes (a parte) e a comunidade religiosa em geral (o todo). Hegel provará referente à primeira relação que a comunidade religiosa é um todo orgânico do vivente e conseqüentemente existe no interior de uma multiplicidade de indivíduos. Há uma multiplicidade de crentes no interior da comunidade que será entendida como o todo e com isso fica afirmada a diferença na unidade e cuja determinação não será supassumida na universalidade. No que diz respeito à segunda relação cada crente, cada sujeito autoconsciente, deve se encontrar com outras autoconsciências em relação para se conhecer enquanto tal. Esse relacionamento intersubjetivo entre os indivíduos encerra sua determinação recíproca. Pertencer à uma comunidade não significa somente ser uma parte do todo, senão antes de tudo afirmar cada crente singular num mundo de relações, isto é, não ser mais isolado em si. Essa argumentação mostra ainda como pode se originar uma relação somente através e no interior de uma comunidade. A essência comum, que se constrói numa

comunidade religiosa. é a consequência de uma relação orgânica já existente entre seus membros com base em sua crença comum.

Esse pensamento conduz às importantes seguintes conclusões. O crente, que se relaciona com um outro, determina-se em si e para si, sabe de si mesmo num outro. Somente na medida em que o crente se determina em relação a si e a um outro pode haver a diferença no interior da comunidade através da qual a comunidade pode ser um todo concreto e, portanto, uma comunidade do Espírito. Nenhum outro lugar é mais apropriado do que a comunidade para que os crentes se ponham enquanto tais entre si. O crente singular não se estabelece na comunidade contra os outros, pois ele tem com todos um comum (segundo a etimologia da palavra alemã “gemein”, comum, da qual o conceito “Gemeinde”, comunidade, deriva), a consciência do Espírito. O ser em conjunto dos indivíduos não afirma, porém simplesmente daí ter algo em comum no sentido da comunidade ou de significado neotestamentário como exclusão do possuir privado, senão é de forma radical algo comum, que se relaciona ao interior da consciência de cada indivíduo singular. Consequentemente eleva-se cada específica essência comum entre os indivíduos a uma comunidade religiosa universal que será a autoconsciência do Espírito.

Então, trata-se na comunidade tanto de uma relação que será construída a partir dos diferentes indivíduos entre si, quanto também para a já existente unitária e necessária relação entre a multiplicidade de crentes, e para se considerar os muitos como um todo com Deus, tal deve ser posto enquanto Espírito em relação. Se, como já mencionado, os diferentes membros de uma comunidade religiosa postos em relação entre si, significa que eles estão ligados um ao outro através de sua crença comum. Com isso Hegel ousa afirmar que cada relação entre os indivíduos, também é a relação entre a consciência de cada indivíduo que constrói em seu todo visto a autoconsciência universal de Deus. A comunidade não é uma simples comunidade de sujeitos empíricos senão um todo concreto que pode construir com Deus uma relação que é nesse sentido sua autoconsciência efetiva e universal.

### **Conclusão**

Finalmente, então ficará claro porque a religião que é baseada na certeza resultante da reconciliação entre homem e Deus e entre todos os crentes que participam interiormente em nome da crença no Espírito, será reconhecida em Hegel como religião do Espírito. Essa é, nomeadamente, a religião cristã, que precisamente como a comunidade, que não pode ser tratada em sentido trivial como religião espiritual (Hegel. 1984), senão como a religião que comporta em si a compreensão especulativa de Deus, isto é, o Espírito.

## Referências

Melica, Claudia. *La comunitá dello spirito in Hegel*. Trento: Verifiche, 2007.

Hegel. G.W.F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome*. Trad. de Paulo Meneses. Sao Paulo: Loyola, 2002.

Hegel. G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Trad. de Paulo Meneses. Editora Vozes: Petrópolis, 2000.

Hegel. G.W.F. *Vorlesungen über die Philosophie der Religion*<sup>3</sup>. Hrsg. Von Walter Jaeschke. Hamburg: Meiner Verlag, 1984.

## THE COMMUNITY OF THE SPIRIT IN HEGEL'S CONCEPT OF RELIGION

### Abstract

The aim of this paper is to examine the relationship between God as spirit and the community (Gemeinde) and also to show that the hegelian spirit is conceived as a continuous rational rapport with itself and with the other from self. The community is in particular a community of the spirit (Gemeinde des Geistes) for different reasons connected with each other. First of all, because God, as the content of the Christian religion, he shows himself (sich manifestiert) in a speculative way to a community of believers in the form of spirit. Secondly, because the community is not only of the spirit and recognize itself in its universal self-consciousness. Therefore this paper will study how and why the Hegelian religion is a religion of the spirit. Particular attention will consequently be given to the concept of religion as relationship. From one hand the intersubjective relationship is crucial in the religion in order to establish a link grounded on faith between believers as members of the community. On the other hand, the relationship between the community as totality with God, is meaningful too. Religion is in fact at the same time the spirit who knows himself and hence relation of the spirit with himself and with the other from itself and knowledge by the human subject of God as spirit. It will be shown at the end how the link between all those different and crucial aspects outlines the notion of the community of the spirit in which and through which God as spirit reaches its concrete reality (Wirklichkeit).

**Keywords:** faith, philosophy, histories

**Traducao do alemão:** Pedro Geraldo Aparecido Novelli – Unesp/Botucatu

---

<sup>3</sup> Licoes sobre a Filosofia da Religiao  
*Rev. Simbio-Logias*, V.2, n.1, Maio/2009.